

RENATO JÚNIOR . LAUREJAN FERRAÇO

# GUERRA TRANSNACIONAL

*Operações policiais entre o real e o imaginário  
Do Brasil para o mundo*

**BRASÍLIA, 2020**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Renato Júnior

Guerra transnacional : operações policiais entre  
o real e o imaginário : do Brasil para o mundo /  
Renato Júnior, Laurejan Ferraço. -- Brasília, DF :  
Ed. dos Autores, 2020.

ISBN 978-65-00-04946-6

1. Ficção brasileira I. Ferraço, Laurejan.  
II. Título.

20-38458

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Copyright © 2020 Renato Júnior e Laurejan Ferraço

Todos os direitos reservados

Esta obra inspira fatos notórios da criminalidade violenta e  
expira ficção livremente. Qualquer semelhança com  
personagens reais não é mera coincidência.

**Projeto gráfico e diagramação**

marcelopiresdesigner.com.br

*“A imaginação é a única arma na guerra  
contra a realidade.” (Lewis Carroll)*

# SUMÁRIO

Prefácio .....	6	Ciudad del Este dominada: luz amarela no painel da CIA .....	114
Passeio na reserva .....	8	Resgate em xeque .....	120
Futuro preterido .....	14	Revelações.....	126
Ceará na ponta da lança .....	20	Queijo suíço .....	130
Conversa tardia .....	26	Dobradinha de sucesso .....	148
Descida em Aquiraz .....	32	Pela raiz.....	152
Peripécias do baby boy voador .....	34	Passos à frente .....	156
Fuga de Aquiraz .....	40	Memórias do cárcere .....	164
Ascensão e queda de um bandido descartável .....	46	Consórcio do crime .....	170
Infiltração corrosiva.....	50	Próximo da fila.....	186
Encontro marcado .....	60	Alucinações do passado .....	190
Como nascem os planos .....	68	Bonde dos 22: enrascada federal .....	196
Reino encantado das Águas Claras .....	80	Segurança máxima fortalecida .....	200
Aliança telepática.....	84	Barraco na rede .....	206
Domínio de cidades em país explosivo .....	94	Tesouro submerso .....	210
Subterrâneos.....	102	Origens e avanços .....	214
Guerra da informação .....	108	Uma vida em espiral .....	220
		Perda e ganho .....	226

## PREFÁCIO

Conheço Renato Júnior há mais de uma década. Dentro e fora da polícia. Apesar de ser fator preponderante para a sobrevivência estabelecermos relações de confiança na corporação, não é fácil fazer amigos nesse meio. Difícil levar tantos problemas também para o convívio social. Felizmente, Renato é uma bem-vinda exceção.

Nossos papos giram, é claro, em torno do incompreendido assunto “segurança pública”, atualíssimo. Mas se libertam mesmo quando enveredamos no fascinante caminho sem volta de prospecções sobre a humanidade no geral, ao sabor de um intrigante futuro desconhecido, rastreado pelo aroma inconfundível de um bom vinho.

Para minha satisfação, “Guerra Transnacional: operações policiais entre o real e o imaginário – do Brasil para o mundo” versa sobre tudo isso e muito mais. Não faço ideia de como Renato e seu parceiro de empreitada, Laurejan – sujeito bacana, com quem só conversei por breves minutos em momento grave, capital –, se viraram para nos apresentar história tão louca quanto crível, que equilibra de forma magistral fatos mais do que reais (posso comprovar) com argutas possibilidades do que virá. A verdade é que somos pegos em cheio com tantas conexões cruzadas.

É surpreendente quando, em tempos de textos rasos em mídias digitais, deparamos com certas obras que despertam o gosto pela Literatura em uma nova geração de leitores desacostumados com o trato da Língua Portuguesa. Guerra Transnacional é uma dessas dádivas. Uma obra que prende o leitor desde as primeiras páginas, tecendo um emaranhado de vínculos entre operações policiais da atualidade, percorrendo caminhos até então inimagináveis trilhados por grupo criminoso paulista de origem prisional.

Os autores partem de questões complexas da segurança pública

no Brasil, com reflexos internacionais, para construir uma narrativa ora real, ora fictícia, em alternância cadenciada por personagens singulares. Para o leitor comum, o livro funciona como uma viagem a recantos da imaginação, transportando-o para dentro de histórias envolventes e eletrizantes. Para quem vivenciou muitos desses fatos, no entanto, não há palavras suficientemente precisas para descrever o turbilhão de sentimentos que a leitura do livro aflora. Nela, a arte e a vida se encontram e se confrontam, tal como Laio e Édipo na encruzilhada, enquanto nos debatemos para decifrar os segredos da criminalidade galopante no país. “Decifra-me, ou devoro-te”. A Esfinge já prenunciava nossos dilemas.

Enfim, ler Guerra Transnacional é reler passagens de minha própria história, na comodidade de quem sobreviveu ao passado e na incerteza de quem não sabe como será o amanhã...

**Nicodemus Coutinho de Menezes**

*Agente da Polícia Federal*

*Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estado e Sociedade – NEPE/PPGS/UFPI*

## PASSEIO NA RESERVA

*Aquiraz/CE, fevereiro de 2018*

– Valeu pela panorâmica, mano. Essa área é realmente muito bonita. Mas não viemos ao Ceará só pra pular o Carnaval, não é mesmo? – pergunta o chefe, sem perder tempo.

– Claro que não, meu padrinho. Curte aí a reserva indígena, um filé! – aponta Pixaim, amigo degraus abaixo na hierarquia da facção.

– Tô te entendendo – solta um riso de cumplicidade. – Tu não dá ponto sem nó, hein! Esse lugar é estratégico, né? Passa o quê? Qual é o esquema, mano?

– Tudo é negociável, sabe como é.

– Bom, bom... e quem é o mandachuva? O cacique? – descontraído, o chefe ri de sua própria piada.

– Como adivinhou? Não dá nem pra fazer um suspense contigo, meu! – Pixaim eleva o moral do ilustre parceiro, aquele que o apoiou no início da “carreira”. Por causa de seu padrinho, ali ao seu lado no helicóptero, hoje comanda o profícuo tráfico de drogas e armas na Baixada Santista. E começa a alçar voos maiores.

– Tá de sacanagem, né? – o chefe aceita a massagem no ego.

– É sério. O cacique é um ótimo contato, muito influente. Além disso, é uma figuraça, sempre doidão de chá, erva e pó.

– Não brinca?!

– Pois é... olha só, precisamos abastecer pra seguir viagem amanhã bem cedo. E sem dar bandeira, você entende, né, irmão? O combustível tá lá embaixo com o cacique. Vai ser jogo rápido. Ei, piloto, desce ali naquela clareira.

– É mesmo? Mas agora? Daqui a pouco escurece...

Um breve desconforto perpassa a espinha do chefão paulista, autodenominado 88, quem sabe com o intuito de se eternizar na mente de seus comandados por meio de simbologia que remete a um duplo infinito carpado. Existe alguém mais imortal? Ele é o número um em liberdade da facção criminoso mais estruturada e ambiciosa do país, e ninguém em sã consciência atentaria contra sua vida em um matagal cearense. Além disso, sabe que está entre amigos. Conheceu

seu apadrinhado moleque ainda, zanzando pelo litoral do Guarujá. Percebeu na hora um potencial a ser lapidado.

Ele mesmo, 88, se enxergou no garoto e viajou ao próprio passado de privações e muita luta. Nascido em pequena comunidade pobre no bairro de Vila Madalena, em São Paulo, filho de pais trabalhadores, foi uma criança normal: estudava na escola pública da região, jogava bola, soltava pipa, frequentava a igreja com seu irmão caçula. Mas veio a adolescência e novas demandas surgiram. Começou a vender maconha e cocaína em bares da moda e então deu início à sua escalada no mundo do crime. O curioso é que a ascensão mais acentuada ocorreu dentro da cadeia, quando se filiou à facção para receber proteção primeiramente e, como consequência aos destacados, poder. Nos 17 anos em que permaneceu recluso, devido a vários crimes, fez de tudo um pouco, inclusive planejar a morte de um juiz corregedor de presídios da região 18<sup>1</sup> do Estado. Plano de morte idealizado por Nareba.

Mesmo com todo o histórico delituoso, deixou a prisão pela porta da frente em fevereiro de 2017, solto por contestada decisão judicial para responder em liberdade a processo por ordenar a morte de dois desafetos, imagina. Menos de um mês depois faltaria à audiência e seria julgado e condenado à revelia por mais 47 anos. Só que já estava fora da gaiola, e não pretendia voltar.

Fontes revelam que se refugiou, inicialmente, no Paraguai para assumir o controle da fronteira após a morte encomendada do Rei do Pedaco, como veremos mais adiante. Mas, depois de desavenças entre facções, mudou-se para a Bolívia, na região de Santa Cruz de la Sierra, onde aumentou ainda mais sua influência ao comandar transações do tráfico nas fronteiras destes países com o Brasil. De lá teria criado um novo projeto de expansão da facção, denominado “Majestade”, cujo objetivo era eliminar os atravessadores para o

---

1. *Divisão do Estado conforme os códigos de Discagem Direta a Distância (DDD). A região 18 refere-se ao Oeste de São Paulo, englobando 108 municípios.*

tráfico de cocaína pura entre os produtores bolivianos e o mercado consumidor europeu.

Até que chega o evento do helicóptero.

Outro irmão de armas o acompanha na aeronave: comparsa de longa data e segurança pessoal, o que o tranquiliza de vez. Fiel como um cão vira-latas e feroz como um leão que defende seu território, Anta, amigo de tantas batalhas, sente-se feliz como se seu pinto ainda estivesse no lixo do Dragão do Mar. Este percebe a apreensão do chefe 88 e acena despreocupada e afirmativamente enquanto continua a narrar ao piloto do helicóptero suas peripécias da noite anterior.

Oitenta e oito reconhece o piloto do último voo que fez na região 18 de São Paulo, quando voltara ao Brasil em setembro de 2017 e, de lá, passando por Goiânia/GO e Petrolina/PE, até o destino final: Aracati/CE. Apesar de não saber se é confiável, fora muito bem recomendado. Esse mesmo piloto teria levado várias malas com dinheiro de doleiros ao Paraguai, a mando do Pixaim, além do transporte de drogas e armas com destino à Baixada Santista, claro. Suas aeronaves apresentam sempre a mesma característica na fuselagem: marcas de insetos esmagados, o que denota viagens noturnas a baixas altitudes para evitar o alcance de radares. Por que será?

Acalma-se com sua paranoia boba. Afinal, tudo está encaixado no Ceará. Até sua família estabeleceu-se em uma das quatro confortáveis mansões adquiridas em nome de laranjas. As confraternizações vararam as festas de fim de ano e estenderam-se até o Carnaval. Os veículos de luxo igualmente chamam a atenção, inclusive pelas numerações das placas, que sempre terminam em 88... enfim, percebe a oportunidade de voltar ao Brasil com outro nome e fixar-se como bem-sucedido empresário de qualquer ramo. Sente-se o pleno senhor de seus domínios, sem ao menos questionar a quem estaria prejudicando com sua chegada ostensiva e extravagante. De qualquer forma, vibra com a inesperada adrenalina inundando seu corpo, arrepiando a pele e espancando os rins. É muito bom perceber-se vivo. Saber que seus hormônios prosseguem a ativar seu lado animal.

Pixaim respeita a comunicação não verbal feita pelos outros dois parceiros e volta à carga:

– Por que não agora? A aldeia fica logo ali. A gente ainda volta pro arrasta-pé com as primas! E partimos tranquilos de manhã.

– Aí senti firmeza, mano! – comemora Anta, o segurança turista sem amarras.



## FUTURO PRETERIDO

*Brasília/DF, 2050*



Raysha cai em si e, sob intenso espanto, larga ao chão o maço de papel encadernado que chegara misteriosamente à cápsula alugada em que se desliga do mundo nesta curta temporada em Brasília, assim espera. Reconhece no ato aquela história do helicóptero escrita por seu pai, passada no longínquo fevereiro de 2018. Na época, era uma adolescente cheia de vida, dúvidas e planos mirabolantes. Porém, a partir do infame janeiro de 2020, nunca mais veria seu velho.

Dois mil e vinte, aliás, é o ano que mal começou e jamais terminou para ela. Pesadelos constantes, alimentados por inconformismo patológico, não a deixam fechar o ciclo. Desde então acrescentou mais uma característica à sua personalidade: revolta, a qual permanece em plena atividade, principalmente agora, quando conta 45 anos, a mesma idade do pai no momento em que desapareceu do mapa, junto com os originais não publicados do seu bombástico segundo livro. O mesmo que tem em mãos neste instante. Mas como? Por quê? Quem faria isso? Com que intenção?

Um peso enorme de perguntas, conjecturas, suposições, teorias conspiratórias e afins por vezes travam algo em sua mente, apesar das pílulas milagrosas dos poderosos conglomerados farmacêuticos do presente, que libertam quimicamente qualquer desordem psíquica de indivíduos desajustados, transgressores. Não as toma porque considera importante viver seus próprios sentimentos, por mais melancólicos e dissonantes que sejam. No entanto, gosta de ampliar suas sensações com doses nada modestas do bom e velho hidromel, a milenar bebida dos deuses, criados por humanos para confortá-los em suas insignificâncias e deslizes.

É escolada em confrontos físicos ou de palavras (mais de palavras), a começar pela defesa de seu nome, alvo de sacaneadas sarcásticas na escola pública em época de bullying acentuado. Até nisso seu pai acertara, avalia, ao deixá-la alerta e preparada frente a adversidades. Quando está com paciência, e dependendo do interlocutor, chega a sinalizar a origem grega de Raysha, mas logo perde a credibilidade ao explicar que o nome significa “relaxada”, “acalmada”. Aí



o bullying eterno dos amigos sacanas atuais recomeça. Felizmente o bom humor de pessoas avessas ao político e ao correto continua em 2050. Sente que a humanidade ainda tem salvação, anima-se.

\*\*\*

– Tudo bem, paizinho, já estou acostumada. Mas precisava ser um nome de prostituta do leste europeu? – pergunta, sem cerimônia, durante leitura conjunta de um capítulo inédito do segundo livro, naquele ano que não terminara: 2020.

Pouco mais de um ano antes, em setembro de 2018, havia testemunhado, cheia de entusiasmo, o lançamento da primeira obra literária do seu herói: “Guerra Federal – retratos do combate a crimes violentos no Brasil”. Porém, não foi bem aceita de imediato, principalmente nos altos círculos policiais. Desconfiaria, mais tarde, que o topo de hierarquias criminosas e seletos grupos partidários mafiosos (o que dá no mesmo) igualmente teriam torcido narizes diante de tantas histórias com generosas doses de realidade, apesar do claro viés ficcional. Contudo, nada como o tempo para dar crédito a esforços genuínos. Hoje “Guerra Federal” é referência no globo, mas a que custo?

O fato é que ela era a primeira leitora de seu pai, e contribuía com sugestões sempre que possível, apesar de seus 15 anos em 2020. Venerava-o. Possuíam ligação profunda. Por vezes questionava até se tamanha afinidade não poderia ser atribuída a resquícios persistentes de memórias instintivas de outras vidas. No entanto, sempre trouxe dentro de si inexplicável repulsa a conceitos sagrados, dogmáticos, tradicionais de religiões baseadas na onisciência, onipresença e onipotência de seres míticos e imateriais sobre-humanos. Chegou a sentir certa atração por novas possibilidades de exercer a fé, que foram tomando corpo no início do século, e apresentavam um misto de aplicações práticas da biotecnologia e inteligência artificial como catalisadoras da esperança de salvação da humanidade em um mundo cada dia mais caótico.

Na qualidade de novo centro receptor de devoções religiosas, a tecnologia sem dúvida operou (e opera mais do que nunca) inúmeras

milagres em termos de conforto e longevidade, sendo a imortalidade<sup>2</sup> o mais recente Santo Graal a ser alcançado atualmente, seja por meio da extinção de doenças, edição genética via CRISPR ou mesmo pela transcendência da consciência humana, quando a casca mortal do corpo poderá, enfim, ser deixada para trás.

A certeza da morte já não tortura tanto as pessoas de carne, osso e pretensões eternas em 2050. Pelo menos as mais jovens e com poder aquisitivo alto o bastante para subverter as leis naturais. Mas quem disse que prolongar a vida indefinidamente é uma ação antinatural? “Deus”? E se, em breve, com o inexorável advento da singularidade tecnológica, a nova divindade reinante revelar-se à humanidade aprimorada como uma entidade etérea de inteligência artificial? O problema é que, neste ponto, ela estaria tão irremediavelmente conectada à lógica insaciável e anti-humanista do mercado corporativo tecnológico que, aí sim, se tornaria onisciente, onipresente e onipotente. Submissos, não teríamos saída, a não ser adorar a divindade artificial. E temê-la.

Isso sempre acontece. Raysha ri de seus próprios devaneios. Esforça-se para recuperar o fio perdido da meada... sim, claro, a conversa com seu pai quando tinha 15 anos.

– É disso que te chamam, é? – ele solta um riso afável. – É um belo nome, forte, diferente, com raízes entranhadas no berço da civilização ocidental. São uns ignorantes – desqualifica os críticos.

– Certo, certo. Mas o que acontece quando eles descem do helicóptero? O que você, pai, como policial federal, teve a ver com tudo isso? – volta à história do segundo livro.

– Acontece muita coisa quando eles descem. No entanto, você deve se perguntar também o que acontece “antes” de eles subirem no helicóptero. Chegaremos lá. Paciência! – o pai ignora a segunda pergunta.

---

2. HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. 1. ed. Companhia das Letras, 2016.

\*\*\*

Em frente ao condomínio de apartamentos onde nasceu, em Brasília, Raysha emociona-se com a súbita lembrança de diálogo por tanto tempo imerso em seu inconsciente. Morou em várias partes do mundo como se estivesse em uma busca involuntária pelo paradeiro do seu pai. E só agora, de volta ao lar, percebe o quanto negligenciou sua mãe.

Tarde demais.

As folhas do velho caderno no chão se sucedem ao sabor do vento frio e seco da capital invernal. Avançam com rapidez diante de violenta rajada e, por vezes, retrocedem frente a mudanças de direção de histórias ainda pulsantes.

